

transportaram esses ritos diabólicos até as Antilhas, onde são conhecidos sob o nome de **vaudou**.<sup>37</sup> Eles constituem verdadeiras iniciações nas quais a vocação de feiticeiro se manifesta. Esse que está exposto à exaltação mais forte e cujo sistema nervoso acaba por contrair uma alteração crônica se acredita chamado;<sup>38</sup> pois esses mágicos, não mais que os **chamans**, não formam geralmente casta propriamente dita. Sua missão é toda individual, e uma vez considerados como inspirados, eles se tornam o objeto da consideração pública. A fim de se entregar mais livremente ao contato com os espíritos, e também para não deixar perceber os artifícios aos quais recorrem visto aumentar sua influência, eles vivem separados do resto da tribo, não mantêm quase nenhuma ligação com ela, e não se mostram senão nas grandes ocasiões; eis por que reinam por sua conta quase que por toda a parte as demais fábulas. Assegura-se que eles podem à sua vontade se tornar invisíveis ou se metamorfosear em animais, que são invulneráveis e que seu olhar possui uma virtude mágica e quase sempre maléfica<sup>39</sup> Essas histórias se divulgam na América como entre os muçulmanos; a China está cheia delas, e formam toda a história popular dos **chamans**. Mas a necessidade de auxiliar-se mutuamente e de se defender, de se iniciar nos segredos de sua arte e de recrutar discípulos zelosos e inteligentes, conduz pouco a pouco os sacerdotes-feiticeiros a se agrupar em verda-

37 — Ver, sobre o **vaudou**, a notícia de Bonneau, nos **Novos Anais das Viagens**, julho 1858, p. 86.

38 — Wrangell, o.c., tomo I, p. 267.

39 — Na Guiné setentrional, imagina-se que os feiticeiros podem se transformar em tigres e metamorfosear seus inimigos em elefantes para matá-los. (Leighton Wilson, **Western Africa**, p. 398).

Em Darfour, acredita-se que os mágicos têm a faculdade, quando estão no ponto de ser presos, de se transformar em ar ou em vento. (Mohammed-el-Tounsy, **Viagem a Darfour**, trad. Perron, p. 356). Os fineses diziam que os feiticeiros podiam se tornar invisíveis, enrolando-se num espesso nevoeiro que eles chamavam **hulinschälmr**. (Léouzon Leduc, **A Finlândia**, tomo I, p. CVIII). Outra, na Irlanda, o povo, imbuído das velhas superstições celtas, imaginava que os feiticeiros podiam tomar toda espécie de formas de animais, sobretudo as da mosca e da lebre. (Crofton Croker, **Rosearches in the South-Ireland**, p. 94 e seguinte).

deiras associações. Às vezes, têm constituído castas,<sup>40</sup> a arte mágica e divinatória se tornando hereditária em algumas famílias; e para assegurar sua influência monopolizaram o exercício do culto e direção das consciências; numa palavra, constituíram o primeiro núcleo das famílias sacerdotais, assim como se via pela Grécia<sup>41</sup> e entre os antigos árias; e, desde esse momento, a magia começou a se despojar das formas grosseiras de que acabo de apresentar o resumo.

40 — Entre os antigos peruanos, os mágicos constituíam sob o nome de **camascas** uma verdadeira casta. Os ascantes tinham duas classes de sacerdotes-mágicos: a primeira vivia separadamente perto da caça dos fetiches, onde eles faziam oráculos; os outros se entregavam a diferentes ocupações da sociedade, e eram consultados como feiticeiros, sobretudo nos casos de violação. (Bowdich, **Viagem ao país da Ascântia**, trad. francesa, p. 373).

41 — Ver minha **História das religiões da Grécia antiga**, tomo II, p. 387.